

## **A BIBLIOTECA DE JOÃO PENTEADO E A CIRCULAÇÃO DE SABERES**

Lucia Silva Parra  
Doutoranda na Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP);  
Bibliotecária na Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
[lucia.parra@usp.br](mailto:lucia.parra@usp.br)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar pesquisa de doutorado que vem sendo desenvolvida sobre o processo de circulação de saberes em escolas dirigidas pelo educador João Penteado de 1912 a 1947, através de um estudo do livro envolvendo sua circulação e uso, com foco nas obras impressas presentes no Acervo João Penteado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e na Coleção João Penteado da Unidade Especial de Informação e Memória da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

O acervo João Penteado, do Centro de Memória da Educação (FEUSP), organizado por professores, alunos e pesquisadores da Faculdade de Educação da USP, foi doado por Marli Alfarano, sobrinha-neta de João Penteado e Álvaro Alfarano, seu marido. (MORAES, 2013, p. 25). Trata-se de um acervo riquíssimo para o estudo da história da educação libertária no Brasil. É composto por documentos administrativos, fotografias, filmes, jornais escritos por professores e alunos, manuscritos de João Penteado, objetos museológicos e móveis escolares. Faz parte também deste acervo, uma parcela da biblioteca escolar do Colégio Saldanha Marinho, com 120 livros, 14 periódicos e três apostilas. O acervo de livros de João Penteado inclui obras originárias de diferentes bibliotecas: da Escola Moderna n.1, Escola Saldanha Marinho e biblioteca pessoal de João Penteado. (MATE, SANTOS, CALSAVARA, 2013, p. 88). Entre as obras encontram-se temáticas da educação, literatura, espiritismo, comércio, contabilidade, vegetarianismo entre outros.

O acervo João Penteado da Unidade Especial de Informação e Memória da UFSCAR foi constituído em 1987, quando o casal Álvaro e Marli Afarano, sobrinhos-netos de João Penteado cederam à Universidade parte da Biblioteca da Escola Saldanha Marinho. Esta coleção conta com 1.792 livros e 69 títulos de periódicos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. UNIDADE ESPECIAL DE

INFORMAÇÃO E MEMÓRIA). Entendemos que os acervos bibliográficos presentes na Universidade de São Paulo e na Universidade Federal de São Carlos são complementares e juntos se aproximam mais do que foi a Biblioteca de João Penteadó, formada ao longo de sua trajetória e presente em suas escolas.

Um estudo do acervo da Biblioteca João Penteadó possibilitará descobertas sobre quais temáticas e autores eram mais frequentes e conseqüentemente quais eram os interesses pessoais de João Penteadó e o que ele e os professores das escolas Moderna n.1 e Saldanha Marinho julgavam pertinentes para uma biblioteca escolar. O acervo de João Penteadó era composto por obras destinadas a alunos e outras aos professores (MATE, SANTOS, CALSAVARA, 2013, p. 95)

O acervo inclui documentos das escolas dirigidas pelo educador João Penteadó: Escola Moderna n.1 (1912-1919), Escola Nova (1920-1923), Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943), Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (1944-1947) e Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho (1948-1960) (MORAES, 2013, p. 41). No entanto, o recorte cronológico escolhido para esta pesquisa será de 1912 a 1947 por corresponder ao período de vigência das escolas Moderna n.1, Nova, Academia de Comércio Saldanha Marinho e Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho, finalizando com o período de regulamentação da Reforma Capanema que alteraram a estrutura do ensino industrial e comercial.

João Penteadó nasceu em 1877, na cidade de Jaú, Estado de São Paulo. Trabalhou como tipógrafo e professor prático. Aos trinta anos mudou-se para São Paulo, onde dirigiu a Escola Moderna n. 1, de 1912 a 1919 quando foi fechada pelo Governo do Estado de São Paulo. Publicou textos na imprensa anarquista e espírita e colaborou com a União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo (PERES, 2012, p. 18-19). A Escola Moderna n. 1 de São Paulo teve como principal influência a Escola Moderna de Barcelona, de Francisco Ferrer.

Francisco Ferrer Guardia (1859-1909) foi militante do Partido Republicano e do Partido Progressista na Espanha. No final do séc. XIX foi exilado na França, onde teve contato com o Ensino Racionalista. Em 1901 fundou em Barcelona a Escola Moderna que adotava a pedagogia Moderna ou Racionalista cujo principal objetivo era formar indivíduos autônomos e solidários. Suas práticas valorizavam o ensino das ciências e as experiências cotidianas dos alunos. A escola era mantida pela colaboração de simpatizantes e pelas mensalidades dos alunos que eram pagas conforme as

possibilidades dos pais. Na Espanha foram criadas Escolas Modernas em diversas cidades, como Madri, Sevilha, Málaga, Granada, Cádiz, Córdoba, Palma e Valência. (RODRIGUES, c1992, p. 15)

Em 1906, Mateo Morral, que havia sido bibliotecário na Escola Moderna, tentou matar o rei Alfonso XIII com uma bomba. O atentado foi frustrado, mas a Escola Moderna de Barcelona foi fechada e Ferrer foi acusado de instigar a tentativa de assassinato do rei. Ferrer acabou sendo absolvido, mas a Escola Moderna de Barcelona não pôde ser reaberta.

Em 1909, os reservistas da Catalunha foram convocados para combater um levante no Marrocos. Anarquistas, socialistas e sindicalistas uniram-se contra o envio de tropas e convocaram greve geral e manifestações que foram violentamente reprimidas. Cerca de 200 trabalhadores foram mortos e Francisco Ferrer foi acusado de ser o mentor intelectual dos protestos. Embora estivesse na Inglaterra ocasião dos protestos, o pedagogo foi condenado ao fuzilamento que ocorreu em 13 de outubro de 1909 (WOODCOCK, 2002, v.2, p. 133).

Em São Paulo, em meio à comoção pelo fuzilamento de Ferrer, em 1909 foi instituída a Comissão Pró Escola Moderna para o planejamento e constituição de recursos financeiros para a fundação de Escolas Modernas. Houve uma grande mobilização entre os anarquistas de São Paulo para angariar fundos para a Escola Moderna. Em 1910, o anarquista Oreste Ristori proferiu conferências em benefício da Escola Moderna.

Em 1912, foram abertas na cidade de São Paulo, nos bairros do Belenzinho e Brás, respectivamente, as Escolas Modernas n. 1 e n. 2. Seus participantes tinham uma formação heterogênea, envolvendo educadores de diferentes posturas ideológicas. As práticas pedagógicas adotadas nestas escolas eram fortemente influenciadas pela Escola Moderna de Barcelona, onde o ensino ministrado era laico e misto – em uma coeducação não somente entre meninos e meninas, mas também entre diferentes classes sociais. Não existiam castigos físicos nem premiações, em uma tentativa de incentivar a cooperação entre os alunos, ao invés da competição. O ensino das ciências era valorizado, bem como o aprendizado fora da sala de aula. Os alunos eram incentivados a terem autonomia.

Na Escola Moderna n.1 de São Paulo eram ministrados cursos regulares diurnos e noturnos, além de aulas de francês e inglês, no período noturno, três vezes por semana

(BOLETIM DA ESCOLA MODERNA, 13/10/1918, p. 4). Esta escola contava com cerca de 70 alunos em 1918, eram ministrados também, neste período, um curso de datilografia. A Escola Moderna n.1 publicou de 1914 a 1916 o jornal *O Início*, com o objetivo de divulgar os trabalhos realizados por seus alunos. De 1918 a 1919 foi produzido o *Boletim da Escola Moderna*, sob a responsabilidade de João Penteadó: trazia textos de anarquistas além de informações sobre o cotidiano das Escolas Modernas n.1 e n.2.

O fechamento das Escolas Modernas de São Paulo está relacionado a acontecimentos envolvendo a Escola Moderna n.3, de São Caetano que funcionava desde 1918. Em outubro de 1919 houve uma explosão que causou a morte de quatro anarquistas, entre eles José Alves que era diretor da Escola Moderna de São Caetano. Segundo policiais, o acidente teria ocorrido enquanto os anarquistas manipulavam material explosivo (LUIZETTO, 1986, p. 43). O jornal *A Plebe* acusou a polícia de ter colocado as bombas para incriminar os anarquistas, mas o jornal *O Estado de São Paulo* acusava os anarquistas de tentativa de insurreição e de envolvimento em greves naquele período.

Em 1919 as Escolas Modernas n.1, 2 e 3 foram fechadas pelo Governo do Estado de São Paulo com a alegação de que faziam propaganda das ideias anarquistas. João Penteadó enviou uma petição ao Secretário de Justiça e Segurança Pública do Estado de São Paulo, em uma tentativa de reabrir as Escolas Modernas. Ele argumentava que os estabelecimentos de ensino eram laicos, racionalistas e não anarquistas (PERES, 2012, p. 204). No entanto, seu pedido foi negado.

As experiências de educação anarquista continuam sendo importantes para a historiografia como um modelo alternativo à educação oficial e despertam o interesse de militantes e pesquisadores do anarquismo. Desde a década de 1990, no Brasil, intensificaram-se estudos acadêmicos sobre a história do anarquismo. Colaborou para esse interesse a abertura de arquivos como o do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) de São Paulo e do Rio de Janeiro na década de 1990. O DEOPS/SP foi criado em 1924, inicialmente para vigiar e reprimir o movimento anarquista e anarco-sindicalista. As autoridades governamentais e policiais reconheciam dificuldades em reprimir o anarquismo no Brasil devido a seu caráter internacionalista e à alta capacidade de organização e influência nas associações de classe e sindicatos nas primeiras décadas do século XX. Militantes anarquistas estiveram na organização das

principais grandes greves das primeiras décadas do século XX, entre elas a de maior destaque foi a Greve Geral de 1917, em São Paulo.

O acervo João Penteadado presente no Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da USP constitui uma documentação importante para a história e memória do anarquismo brasileiro. Além disso, é um acervo relevante para a história da educação que desde a década de 1980 constituiu-se como um segmento independente da história. De acordo com Carmen Moraes e Doris Accioly e Silva, parte significativa dos estudos em história da educação está voltada para a preservação de acervos de fontes primárias como acervos escolares (MORAES; SILVA, 2013). Para as autoras, este acervo constitui uma relevante fonte para o estudo de conteúdos ministrados nas escolas anarquistas em São Paulo.

Práticas pedagógicas que propõe o ensino misto, com igualdade de oportunidades para meninos e meninas, rupturas de hierarquia entre educandos e educadores e entre o trabalho manual e o intelectual continuam constituindo hoje um ato de coragem e subversão.

O Arquivo João Penteadado revela principalmente o discurso dos vencidos, de uma proposta de educação que foi rechaçada pelo Estado em 1919. É também o registro de um projeto de educação reformulado e adaptado às possibilidades que a realidade ofereceu ao educador João Penteadado. Através de sua rica e diversificada documentação é possível conhecer um pouco mais sobre o cotidiano do ambiente e das práticas escolares da história de escolas dirigidas por um educador anarquista. As experiências educativas de João Penteadado são igualmente relevantes para a memória de grupos que se identificam com o anarquismo e que procuram ressignificar suas atividades educacionais atuais.

A pesquisa sobre a Biblioteca de João Penteadado ainda está em fase inicial, no entanto é possível observar a forma como se destacam algumas temáticas e autores, possíveis indícios de preferências pessoais de João Penteadado e da forma como ele pensava a educação. No fundo João Penteadado da FEUSP estão presentes quatro obras de Allan Kardec e ao menos outros cinco livros sobre espiritismo. João Penteadado era adepto do espiritismo e chegou a ministrar aulas em escolas espíritas. Pode-se questionar se esta escolha pessoal de Penteadado pode ter alguma influência em sua

atuação cotidiana como educador. E quais as razões que levavam a alguns anarquistas do começo do século XX a aderirem ao espiritismo.

No acervo bibliográfico presente no Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação USP destacam-se, por exemplo, autores como Liev Tolstoi (1828-1910) com quatro livros, entre eles *La Escuela de Yasnaia Poliana*, publicado em Buenos Aires, obra na qual o autor descreve a experiência da escola fundada por ele em Iasnaia Poliana, destinada a educar filhos de camponeses. Possivelmente Tolstoi tenha sido uma influência para João Penteadado enquanto educador.

No fundo João Penteadado, acervo da Unidade Especial de Informação e Memória, UFSCAR, chamam a atenção dez obras de Afonso Schmitd, incluindo duas com dedicatórias a João Penteadado. Os livros do jornalista e escritor Afonso Schmitd podem ter sido usados por alunos das escolas dirigidas por João Penteadado. Entre as obras deste autor está o romance *O gigante invisível*, publicado pela Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo que abordava o tema da tuberculose e sua transmissão.

No fundo João Penteadado da UFSCAR estão presentes cinco obras do anarquista Piotr Kropotkin (1842-1921), autor muito frequente em bibliotecas pessoais de outros anarquistas como Edgard Leuenroth, Ítalo Benassi, Avelino Fernandes e Benedito Romano.

**Tabela 1: Seleção de livros dos acervos CME/FEUSP e UEIM/UFSCAR**

Autor	Título	Imprenta	Localização
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	Palavras de um revoltado	Lisboa: Guimarães & Cia, 1912	UEIM/UFSCAR
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	Em volta de uma vida: memórias	Lisboa: Tipografia do Comércio, 1907	UEIM/UFSCAR
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	Em torno de uma vida: memórias de um revolucionário	Rio de Janeiro: José Olímpio, 1946	UEIM/UFSCAR
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	A Grande Revolução	Rio de Janeiro: Athena, 1935	UEIM/UFSCAR
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	A questão social: o anarquismo em face da ciência	São Paulo: Biblioteca Prometeu, s.d.	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945).	De Amundsen a del Prete	São Paulo: Edições de O Combate, 1928	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945).	Han Ryner e o amor plural	São Paulo: Unitas, s.d.	UEIM/UFSCAR

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945).	Amai... e não vos multipliqueis	Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945).	Civilização tronco de escravos	Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945).	Em torno da educação	Belo Horizonte: Athene, 1918	CME/FEUSP
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	O assalto: romance do ouro e do sal	São Paulo: Livraria Martins, s.d.	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Pirapora	São Paulo: Unitas, s.d.	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	O tesouro de Cananéia	São Paulo: Anchieta, 1941	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Saltimbancos	São Paulo: Saraiva, 1950	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Reino do céu: novela	São Paulo: Moema, 1942	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	O dragão e as virgens: romance	São Paulo: Vieira & Cia, 1927	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	O gigante invisível	São Paulo: Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo, s.d.	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Janelas abertas	São Paulo: Edição da Fornalha, 1923	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Zanzalás		UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Menino Felipe	São Paulo: Clube do Livro, 1957	UEIM/UFSCAR
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	O canto do cisne	Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 1937	CME/FEUSP
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	La escuela de Yasnaia Poliana	Buenos Aires: Tor, s.d.	CME/FEUSP
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	Os mártires do dinheiro	Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 1937	CME/FEUSP
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	Ressurreição	Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 1933	CME/FEUSP

Destacam-se também cinco obras de Maria Lacerda de Moura (1887-1945) presentes nos dois acervos. Esta autora foi amiga de João Penteadado, professora, escritora e conferencista. O primeiro livro publicado por Maria Lacerda de Moura foi *Em torno da educação*, de 1918 que causou intensa repercussão no período e é uma das obras presentes no acervo do CME/FEUSP. Esta autora provavelmente foi outra influência nas ideias pedagógicas do educador João Penteadado. Entre as questões abordadas nos livros de Maria Lacerda de Moura está a crítica ao fascismo: em 1928 publicou *De Amundsen a del Prete* pelas edições do Jornal *O Combate*. Neste livro, Maria Lacerda narra a história de Carlos del Prete, aviador que faleceu em uma demonstração de acrobacia aérea para o governo fascista e foi elevado à categoria de herói. A autora questionou os valores defendidos por Del Prete como a família e a pátria e foi duramente criticada e mesmo ameaçada por fascistas radicados no Brasil. (MOURA, 2015, p. 27).

Entre os livros dos dois acervos foram identificadas marcas como diferentes tipos de carimbos. Entre as obras consultadas do acervo FEUSP, encontramos carimbos da Academia de Comércio Saldanha Marinho instituição de ensino que funcionou entre 1924 e 1943, da Biblioteca do Colégio Saldanha Marinho. Há também carimbos da Escola Nova que de acordo com a literatura funcionou de 1920 a 1923, do Ginásio Saldanha Marinho e da Escola Livre que funcionava na Rua Cotejipe, n. 26 que teria sido dirigida por João Penteadado. Possivelmente nem todos os livros que constituíram o acervo bibliográfico das escolas dirigidas por João Penteadado tenham sido carimbados, mas podemos refletir a partir destas marcas em formas de apropriação do acervo pelas instituições escolares.

Há ao menos três variações de carimbos do Grêmio Literário e Recreativo Euclides da Cunha, fundado e organizado pelos alunos do Colégio Saldanha Marinho em 1939. Possivelmente havia um interesse particular dos alunos neste período em determinados segmentos literários e por esta razão podem ter dedicado-se a selecionar determinados títulos para a biblioteca.

Havia também carimbos de outras instituições como o Jornal A Lanterna. O periódico A Lanterna, de caráter anticlerical, começou a ser publicado em 1901, dirigido por Benjamin Mota, com uma tiragem de 10 mil exemplares. Em 1904, o jornal deixou de ser publicado e foi retomado em 1909, tendo como editor Edgard Leuenroth. A periodicidade do jornal era quinzenal até 1933 quando passou a ser semanal até seu

encerramento em 1935. Os carimbos do jornal A Lanterna podem significar que estes livros fossem em outro período de um acervo bibliográfico do periódico.

Foram encontrados também carimbos da Biblioteca Social A Inovadora que funcionava na Ladeira do Carmo, em São Paulo, durante a década de 1920, das 8 às 21h. Foi organizada por anarquistas e funcionava como gabinete de leitura, realizando empréstimos e venda de livros e jornais. (LEITE, 1984, p. 28).

Outros carimbos encontrados foram de livrarias, estabelecimentos nos quais provavelmente as obras foram adquiridas: como Livraria Lealdade, Livraria Espírita Emanuel, Livraria Novidades e Livraria Francisco Alves.

A pesquisa sobre a biblioteca de João Penteadado encontra-se em fase inicial, ainda há muito a ser elucidado a respeito da forma como os livros eram usados em sala de aula por professores e alunos e se as concepções de educação de João Penteadado influenciavam o cotidiano do ensino na Escola Moderna, n.1 (1912-1919), na Escola Nova (1920-1923), na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943) e na Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (1944-1947).

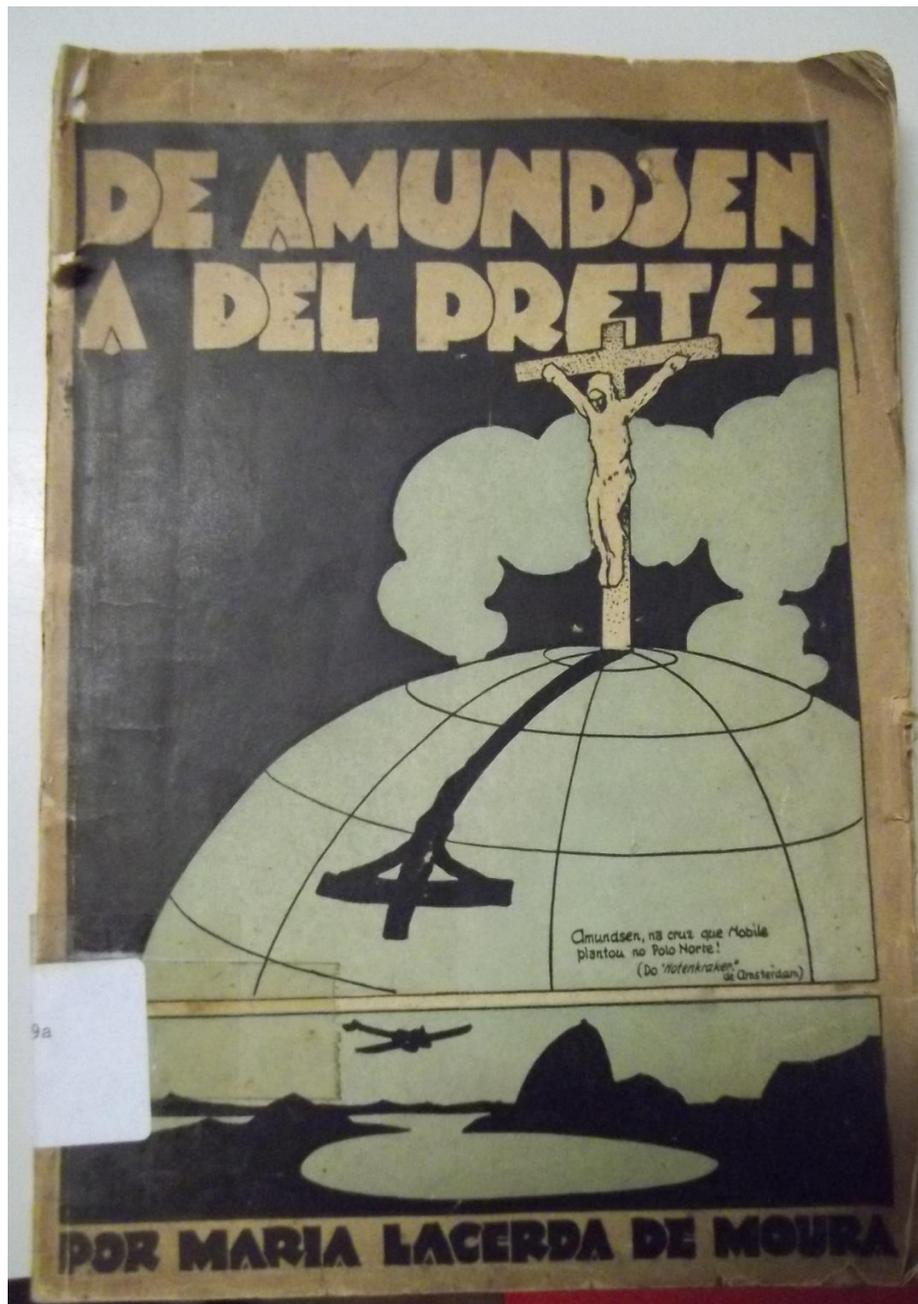


Figura 1: Capa do livro: Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945). De Amundsen a del Prete. São Paulo: Edições de O Combate, 1928. UEIM/UFSCAR

### Considerações Finais

Nesta fase inicial da pesquisa vem sendo realizado um levantamento de dados nos acervos bibliográficos do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação

da Universidade de São Paulo e da Coleção João Penteadado da Unidade Especial de Informação e Memória da Universidade Federal de São Carlos. Ainda há muitos livros a serem pesquisados no acervo da UFSCAR bem como outros documentos do Centro de Memória da FEUSP que podem esclarecer, por exemplo, a forma de aquisição, organização e uso da antiga biblioteca das escolas dirigidas por João Penteadado.

## **REFERÊNCIAS**

**Boletim da Escola Moderna**, São Paulo, ano 1, 13/10/1918.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **A outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LUIZETTO, Flávio, O Movimento Anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna nº1 (1912-1919), **Revista Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 24, ago., 1986.

MATE, Cecília Hanna; SANTOS, Luciana Eliza dos; CALSAVARA, Tatiana da Silva. Acervo João Penteadado: os livros e o ensino libertário. In: Moraes, Carmen Sylvia Vidigal (org.) **Educação libertária no Brasil**: Acervo João Penteadado: inventário de fontes. São Paulo: Fap-Unifesp: Edusp, 2013.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal (org.) **Educação libertária no Brasil**: Acervo João Penteadado: inventário de fontes. São Paulo: Fap-Unifesp: Edusp, 2013.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; SILVA, Doris Accioly. Arquivo João Penteadado e sua importância para os estudos de Educação Anarquista no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, n. 48, dez. 2013.

MOURA, Maria Lacerda de. **Renovação**, 1919. Edição fac-similar. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

PERES, Fernando Antonio. **João Penteadado**: o discreto transgressor de limites. São Paulo: Alameda, 2012.

RODRIGUES, Edgar. **O anarquismo na escola, no teatro e na poesia**. Rio de Janeiro: Achiamé, c1992.

UNIDADE Especial de Informação e Memória. Disponível em:  
<http://www.ueim.ufscar.br/colecoes/colecao-joao-penteadado>. Acesso em: 24 mar. 2018.

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2002. v. 2.